

Sazonalidade no turismo dos Açores

Nos Açores, o turismo continua a viver em “duas velocidades”. Os dados de 2025 voltam a confirmar um padrão que o Gabinete de Estatística da União Europeia (Eurostat) descreve como estrutural na Europa, sobretudo em regiões costeiras e insulares: o verão concentra a procura e o inverno fica com volumes modestos. No arquipélago, agosto voltou a ser o mês “rei”, com 711,5 mil dormidas, enquanto janeiro se ficou pelas 130,3 mil, uma diferença de cerca de cinco vezes e meia

A fotografia anual do turismo açoriano repete, quase sem desvios, o padrão que o Gabinete de Estatística da União Europeia (Eurostat) descreve como estrutural na Europa: a procura concentra-se no verão e baixa nos meses frios, uma assimetria que tende a ser mais nítida nas regiões costeiras e insulares.

Em 2025, o arquipélago voltou a ter um mês claramente “rei”: agosto, com 711,5 mil dormidas. No outro extremo, janeiro ficou pelas 130,3 mil. No pico do verão, a procura foi, assim, cerca de cinco vezes e meia superior à registada no arranque do ano.

O crescimento recente não alterou esse eixo. No conjunto da hotelaria, do alojamento local e do turismo no espaço rural, os Açores somaram 4.509.613 dormidas em 2025, mais 4,5% do que no ano anterior, segundo o Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA). E quando se olha para a época baixa, a conclusão pouco muda: somando janeiro, fevereiro, novembro e dezembro, o “inverno estatístico” fechou 2025 com 599.137 dormidas, o equivalente a 13,3% do total anual.

Também o “efeito julho-agosto” se mantém. Em julho de 2025 registaram-se 638,5 mil dormidas e, com agosto, os dois meses somaram perto de 1,35 milhões, ou seja, cerca de 30% do total anual. É um valor muito próximo do que o Eurostat assinala à escala europeia: 31% das dormidas anuais na União Europeia (UE) ocorreram em julho e agosto de 2024, com 449 milhões em julho e 493 milhões em agosto.

A concentração, aliás, não é uma



duas utilidades. A primeira é simples: retira dramatismo ao diagnóstico, porque a sazonalidade não é um “desvio” açoriano, mas o normal europeu em destinos de lazer. A segunda é mais exigente: coloca a discussão onde ela é mais difícil, na dependência das acessibilidades e na forma como a oferta se organiza para responder aos picos.

Os dados do SREA mostram isso com nitidez no alojamento local, o segmento mais flexível da oferta. A capacidade “com movimento de hóspedes” oscila com o calendário: em janeiro de 2025 estavam ativas 8.367 camas; em agosto eram 21.371. A oferta disponível no mercado acompanha, assim, de for-

estrutura a operação em duas épocas, verão e inverno, usadas para planejar rotas e capacidade. O verão começa no último domingo de março; o inverno, no último domingo de outubro.

O resultado é um mercado que funciona por temporadas. E a transição é visível nos dados europeus: a Organização Europeia para a Segurança da Navegação Aérea (EUROCONTROL) assinala que, em outubro de 2025, o sistema começou a refletir a passagem ao horário de inverno, com redução de voos programados face a setembro. Para territórios insulares, esta engrenagem pesa ainda mais, porque o avião não é apenas mais um meio de transporte. Em

rent-a-car, a sazonalidade não é uma anomalia, é o modelo de negócio em grande parte da Europa. Um relatório da Autoridade Europeia do Trabalho (AET) sobre o setor de hotéis, restaurantes e catering (HORECA) mostra como esse modelo entra diretamente no mercado de trabalho. No conjunto da UE, os trabalhadores com contrato temporário representavam cerca de 11,5%; no HORECA, a proporção aproximava-se de 20%.

O mesmo relatório descreve instrumentos criados para lidar com os picos. Em Espanha, por exemplo, os contratos “fixos-descontínuos” formalizam trabalho intermitente associado à



singularidade açoriana. O Eurostat descreve-a como um traço dominante do turismo europeu e, quando o olhar se detém sobre o mapa, isso torna-se ainda mais claro. Em 2024, uma em cada seis regiões da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos de nível 2 (NUTS 2) com dados disponíveis concentrou mais de 40% das dormidas anuais nos dois meses de topo, um fenómeno com maior incidência nas regiões costeiras.

Para os Açores, esta comparação tem

ma natural, a procura. O reflexo aparece na ocupação: a taxa bruta de ocupação-cama no alojamento local foi de cerca de 18,8% em janeiro, contra 53,7% em agosto. A expansão do parque, sobretudo no alojamento local, tende a aumentar a distância entre o pico e a época baixa e a pressionar a rentabilidade fora da época alta.

É aqui que entra a Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA), não como “termómetro” do turismo, mas como peça do mecanismo. A IATA

vários destinos europeus fortemente dependentes do lazer, o transporte aéreo domina as entradas intra-UE com 96% em Chipre e Malta, 88% na Irlanda, 85% na Grécia e 78% em Espanha (insular).

No próprio dossiê regional, o Eurostat é explícito: as regiões mais remotas, incluindo as regiões ultraperiféricas, “sofrem flutuações sazonais” e são “totalmente dependentes de ligações aéreas”.

Na hotelaria, na restauração e no

sazonalidade; na Croácia, surge a figura de “trabalho sazonal permanente” e um subsídio associado, desenhado para cobrir o período de menor atividade.

A mobilidade laboral faz parte deste ecossistema e a Autoridade Europeia do Trabalho (AET) estima que existam entre 650 mil e 850 mil trabalhadores sazonais móveis dentro da União Europeia. No turismo europeu, essa circulação de mão de obra é particularmente dinâmica, acompanhando os picos de procura entre regiões e épocas